

CHINCHILA

Levi S. Porto



Fortaleza-Ce
2018

Direção Executiva
Leonardo de Castro

Coordenação Editorial
Alessandra Monteiro
Iesse Santos

Autor
Levi S. Porto

Projeto Gráfico e Diagramação
Círio Cruz

Ilustrações
Ana Lea Carneiro
Bárbara Barros Araújo
Matheus Silva Rocha

Editoração Eletrônica
Círio Cruz

Revisão de texto
Eleonora Lucas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Larissa Castelo Branco Bastos CRB 1323 3ª Região

P839c Porto, Levi dos Santos.
Chinchila / Levi dos Santos Porto – Fortaleza,
Ceará : Edições IPDH, 2018.
112 p. : il. 14,0 × 21,0 cm

ISBN: 978-85-62630-74-3

1. Poesia Brasileira. I. Título.

CDD: 869.91

© Edições IPDH



Avenida dos Flamboyants, 124a – Papicu
Fortaleza-CE – CEP: 60190-570
Fone/Fax: (85) 3262.2038 / e-mail: contato@ipdh.com.br

www.ipdh.com.br

Todos os direitos reservados à Edições IPDH.



PREFÁCIO

O verso e o horizonte

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”¹

Este livro é um convite para que o leitor não deixe de caminhar em busca de um mundo melhor, que é feito de eus melhores. Como Fernando Birri e Galeano, nos incita a roer as grades, a pular os muros, a roer as cordas da prisão em que nosso líquido cotidiano nos mantém acorrentados ao tédio do *dolce far niente*. Nos convida a descalçarmos o aperto dos sapatos, a nos jogarmos no mar já na primeira luz da manhã e a superar os obstáculos em busca de dias ensolarados que borboleteiam por aí.

Este livro é um chamado à sabedoria, seja a dos ditos populares, seja a das vozes clássicas da grega filosofia: “*Panela ruim não quebra.*” (Um buraco

¹ Fernando Birri, in *As palavras andantes*, de Eduardo Galeano, 1994.

profundamente profundo), “Cabeça vazia é oficina do diabo.” (planos pro futuro:), “Só sei que não sei.” (Tchau), “A maior dor é a que vem de dentro.” (Eu e eu mesmo), “A carne é prisão da alma.” (Pareidolia), “Ler é comida pro cérebro.” (Doce Ilusão)... Tal sabedoria é também uma utopia que está lá no horizonte, pois é caminhando que se faz o caminho².

Este livro é um cardápio musical. Não feito das canções de *sapos-tanoeiros*, *sapos-bois* ou *sapos-pipas*³, mas da música natural, que brota de versos ainda selvagens, geminando letra e música, “Lá onde mais densa/ A noite infinita/ Veste a sombra imensa”⁴. Lá onde se escondia um Agenor de Miranda Araújo Neto ou um Renato Manfredini Júnior. O lirismo, compreendido modernamente como expressão dos arrebatamentos pessoais e das disposições da alma, retoma aqui o seu sentido antigo e medieval, em que se vinculava à ideia de musicalidade. Uma musicalidade própria, jovem, emergente. “Colher de sal,/ café e açúcar na cabeça/ todo dia acordo mal/ sem um pingo de adoçante...” é música natural. Como o é também “você não sabe falar!/ que língua te comeu?/ você não sabe me ouvir [“Você não soube me amar”]⁵ / eu já não sou mais teu...” Ou ainda, “me pergunto o que vai dar/ essa nossa

² Belchior, Brincando com a vida, in *Todos os sentidos*, 1978.

³ Manuel Bandeira, Os sapos, in *Poesia completa e prosa*, 1967.

⁴ Idem.

⁵ Evandro Mesquita/Ricardo Barreto/Guto/Zeca Mendigo, Você não soube me amar, in *As aventuras da Blitz 1*, 1992.

*jornada/ não venha me dizer/ não venha me dizer/
que não vai dar em nada”.*

Este é um livro de histórias. Histórias de animais: chinchilas, tartarugas, borboletas. Histórias de amores passados (Tchau, **Tanatologia**), amores presentes (**Nada, Parquinho**); amores incertos (**tudo bom contigo, Anota seu nome aqui, Copão de café, Laiá laiá**), afinal, “*É preciso amar as pessoas/ Como se não houvesse amanhã/ Porque se você parar pra pensar/ Na verdade não há*”⁶. Histórias de dor (**Bolão do fim do mundo, Eu e eu mesmo, Pare de tomar a pílula, crianças da clareira, Pareidolia**). Histórias todas de gente e de luta pro dia nascer feliz⁷. Histórias de um menino que cresceu e descobriu que a poesia é a melhor resposta para a dor que rasga a alma ou a alegria que aliena: “*E se te oprimem,/ e te negam o pão,/ te impõem calabouços,/ te deceparam o não;/ sonegam sorrisos,/ te vedam e te vetam,/ te marcam a ferro/e te jogam nas valas,/.../ e sendo já nada,/ se sobram tuas mãos,/ e caneta e papel/ e uma nesga de luz.../ taca versos neles, poeta!*”⁸.

Este livro é um manual de salva-vidas. Ou uma boia e uma respiração boca a boca. Pois, diz-nos Mário Quintana, que “*Quem faz um poema abre uma janela./ Respira, tu que estás numa cela abafada,/ esse ar que entra por ela./ Por isso é que os poemas têm ritmo/ -*

⁶ Dado Villa Lobos/Renato Russo/Marcelo Bonfá, Pais e Filhos, in *As quatro estações* (Legião Urbana), 1989

⁷ Roberto Frejat, *Pro dia nascer feliz*, in Barão Vermelho 2, 1985.

⁸ Wilson Vieira, *Escreve*, in Gema, 1983.

para que possas profundamente respirar./ Quem faz um poema salva um afogado”.

Em tempo: além de nomear os cinzentos e pequenos roedores sem cauda (que, portanto, nunca têm o rabo preso), chinchila significa pessoa de má aparência. E se o poeta se inicia como chinchila, depois de descansar ao sexto dia ao fechar a última janela, já porta uma aparência muito fina de quem, trespassando tantos outros poetas e compositores, apenas pôs o primeiro pé na estrada. Que venham mais versos, que corra o menino pra esse violão virtual num lamento, pra manhã nascer azul⁹. Corre, Levi! Corre, corre, corre!

Bôsko Luna

⁹ Caetano Veloso, Tigresa, in Bicho, 1977.

SUMÁRIO

▶ Chinchila	9
▶ Projeto Eitamar	11
▶ Metafórica	13
▶ Tamanho 40	15
▶ Tudo bem contigo.....	17
▶ Copão de café.....	19
▶ Tchau.....	23
▶ Nada.....	25
▶ Um buraco profundamente profundo.....	27
▶ To a lost friend	31
▶ Bolão do fim do mundo	33
▶ Planos pro futuro	37
▶ Eu e eu mesmo	41
▶ Pare de tomar a pílula.....	45
▶ Minha mente saiu para lugares longínquos	47

▶ Minha consciência saiu para dar uma volta e nunca mais voltou	49
▶ Crianças da clareira.....	51
▶ Parquinho.....	57
▶ Pareidolia	61
▶ Laiá Laiá	63
▶ Anota seu nome aqui	67
▶ Ensaio sobre a cegueira	71
▶ Esse não é pra todo mundo	75
▶ Doce Ilusão.....	77
▶ Buquê de flores	79
▶ Admissão.....	83
▶ Crianças de Pripjat.....	85
▶ Inverno	89
▶ Tanatologia	93
▶ Museu da Inocência	97
▶ O rei demônio no meio de uma emboscada.....	101
▶ Fun & games	107
▶ Melancholy Radio Station	109
▶ Agradecimentos	111

CHINCHILA

chinchila rói as grades
de gaiola atrás de gaiola
um dia ele vai descobrir que no fim das contas
as prisões do mundo não realmente acabam
e quando achamos que quebramos uma corrente
logo tratamos de nos meter em outra
mas é pulando muro depois de muro
que suas patinhas ficam
cada vez mais ágeis
mas é mordendo cordas
que suas presinhas ficam
cada vez mais afiadas
chinchila sabe que as maiores trancas
são as da alma
e a do próprio corpo
de onde ele nunca poderá fugir
e do que ele sente
ele jamais poderá se esconder
mas toda vez que ele escapa

toda vez que ele deixar de voltar correndo
pra sua gaiolinha
ele se sente menos o animal pequeno e indefeso
que ele é
e mais o animal orgulhoso e capaz
que ele queria ser
seu pelo nunca vai deixar de ser suave
e sua pele jamais largará de ser fina
chinchila sabe muito bem disso
mas prisão nenhuma nunca foi para ele
entre o tédio do trancafiamento
e os perigos do que há além dos cadeados
chinchila prefere passar uma vida dura
roendo grades
do que morrer confortável cercado
fazendo nada
corre, chinchila! corre, corre, corre!

PROJETO EITAMAR

Quebra quebra quebra

a casca

E se joga com tudo

no mar

Quero quero quero

a onda mais forte;

me leva pra longe do lar.

É lá.

(onde eu quero estar)

Primeira luz da manhã.

(Uma a uma, as tartaruginhas vão de braçada
direita-esquerda pra longe das cascas ovas.)

(O último a chegar é a mulher do polvo!)

(Rema-rema na areia, primeiro mar antes da água.)

(É praia. É sol forte tinindo no casquinho. É areia
fofa.)

(Uma a uma, as tartaruginhas se jogam no mar.

Nado olímpico, velejamento, lancha.

Mergulhadoras, submarinas.

(Se você quiser saber de mim, vou cheio de areia,
louco pelo sal oceânico.

Uma hora desse mesma manhã ensolarada...bem,
vocês já sabem.

Saudades dos amigos e amigas tartaruginhas que se
jogaram no mar. ♥



METAFÓRICA

Hoje caminhando eu vi uma Borboleta
 E distraído pela bela Borboleta
 Não olhei pra onde pisava e pisei numa

(você sabe)

Agora ponha você no meu lugar
 É melhor não ver a borboleta e não pisar na

(você sabe)

Ou é melhor ver a borboleta
 E pisar na

(você sabe)

Não sei você
 Mas eu preferiria ver mil Borboletas
 Mesmo que isso significasse pisar em mil

(você sabe)



TAMANHO 40

A vida é um calçado apertado
Quanto mais se usa menos apertado
Em alguns dedos doloridos desconforto
Em outros o tamanho exato do pé

Tiro o sapato sinto a areia a grama a água
Nas pontas dos pés no entrelaçar dos dedos
Mas logo me calço
(percalços da vida)
Volta o apertado

Procura-se um pé mais resistente
Ou calçados de tamanho maior



por melhor que tenha sido

(e foi)

mas toda vez que eu paro pra lembrar

de todas essas coisas que você não me disse

eu te entendo muito bem

e a gente se fala

“tudo está bem

e tudo vai dar certo.”

(obrigado por isso)

COPÃO DE CAFÉ

colher de sal,
café e açúcar na cabeça
todo dia acordo mal,
sem um pingo de adoçante
e antes que eu me esqueça,
é aprontar a mesa,
e regar o jardim.
aperta com leveza
o que resta de tristeza,
e a gente sai assim.

vamo beber uma água,
não me restou nada,
do que não tinha fim.
vamo tomar uma cerveja,
com delicadeza
por favor, põe pra mim.

todo dia a gente dança sem parar
dança das cadeiras,
todos em fileira,
procurando lugar.

a vida que eu queria começava cedo
mas eu queria acordar só quando eu quiser.
a vida que eu vivo me dá muito medo
isso não é nenhum segredo
mas a gente continua dançando,
com o copo na mão.

uma hora dessas eu já devia estar na cama.
mas que diferença isso faz
que horas a gente se engana
vida de cigana, a gente nem se ama
e de manhã a gente sabe que tanto faz.

e de novo, e de novo e de novo
a gente faz

colher de sal, colher de açúcar
e copão de café...
a vida que eu queria vai esperar mais um dia,
você já deve saber como é.

TCHAU

só sei que não sei
vou te dizer um monte de nada,
sequestrar o seu ouvir,
meter o pé na estrada.

sabe do que mais?
não sei se me entendeu...
mas eu estou por aí,
incluindo os cantos meus

você não sabe falar!
que língua te comeu?
você não sabe me ouvir!
eu já não sou mais teu
só sei que não sei
mais de nada
perfeita desculpa isso é

pra quem não quer mais pisar em casa
e dirige cada vez mais longe
pra longe do ninho.
e voa cada vez mais alto
igual passarinho.

a gente se vê por aí
nas andanças que a terra dá
eu quero mais é curtir
ver no que tudo isso vai dar

um dia saberei dizer
do que é que a vida se trata.

NADA

queria te pintar
queria que estivesse louca
queria te ver gritar

te puxo cada vez mais pra perto,
mas sei que isso não te atrai
te faço mil poemas
nada te satisfaz

fica longe de mim
eu só sei assim
daqui pra frente.
não me acha ruim
não vai ser o fim
se não é assim que você se sente...
vida bagunçada.
no percorrer da estrada,
encontrei a gente.

(preferia que não)

eu detesto ter que te fazer sorrir.
eu odeio a falta que você me faz
aqui.

me pergunto o que vai dar
essa nossa jornada,
não venha me dizer,
não venha me dizer,
que não vai dar em...

nada

UM BURACO PROFUNDAMENTE PROFUNDO

rodopia rodovia me traz algo de bom
 porque aqui embaixo as coisas sinceramente não
 vão bem
 rouxinol guarda-sol me diz de ti também
 porque daí de cima não se vai se esvai e se esvaindo
 tudo parece estar melhor.

engraçado como se dão as coisas!
 devir também. devia ir e tal
 mas perdi a vontade no meio do caminho. voltei
 pra casa
 é pra onde eu sempre volto
 quando as coisas param de se dar
 ou param de ser engraçadas e tal. assim, em geral.
 engraçado como as coisas não dão mais graça.

digo porque já colhi bom em tempo bem
e em tempo fome já não morri de ruim.
sou ruim mesmo. panela ruim não quebra,
mas também geralmente não faz comida boa.

comprei um megafone
boca no trambone
mas quando era pra falar

travei

não dá pra pausar?
que desgraça é o fim da graça
e da comida apetitosa
quem mandou fazer regime? agore come raimundão,
ou melhor deixe de comer, isso aqui não é pra você,
nem pense nisso não.

ah. descontração.
o a contra-mão
a vida é curta
a vida é curta e grossa
a vida corta a corda
direto pra fossa
cai de cara e vira um ensopado.

nem sempre faz tempo bom
e nem sempre dá pra encher a pança
mas se não foi antes que viramos suco de urubu
não é agora que vamos tomar no

(vocês me aguentem que eu tô pra lá de bagdá)

TO A LOST FRIEND

This is a strange world
It can get pretty lonely, too.
Sometimes we feel Art is not enough
And it's hard to get through.
I feel untalented
And all my future seems untrue.
This is, possibly, not true.
But this is a strange world
And it's easy to feel unsure.
I will feel better sometime.
But, for your concern,
My dearly thank you.



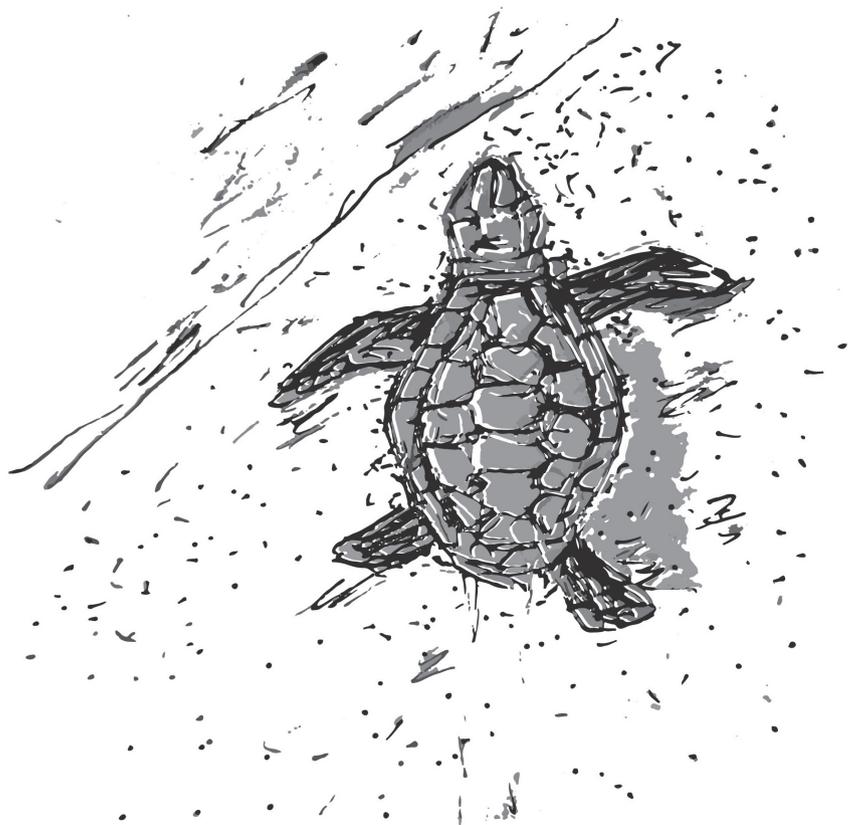
BOLÃO DO FIM DO MUNDO

sábado de tarde
um real de cada um vai pra caixinha
ganha tudo quem acertar
como se dará o famigerado
fim-do-mundo.
ana vai na frente
“invasão alienígena!”
thaís vai logo atrás
“caí o metorito!”
daí vão lucas e doquinha
“maremoto!” “terremoto!”
e os dois juntos
“furacão e tsunami!”
e chega júnior

“apocalipse zumbi! peste negra!
crise de dengue! voltam os dinossauros!”
meu pai, o mais sábio de nós todos
põe a mão no bolso e tira uma moedinha
“nenhum desses,
a humanidade vai acabar pelas próprias mãos”.
domingo a noite
e eu lembrei disso agora,
sem ana, thaís, lucas, doquinha, júnior
e o meu pai
enquanto vejo na tv
cinzas ardentes de um museu de memórias
teto desabado sob o que antes era tão precioso

meu pai estava certo
e teria levado o bolão
o fim do mundo será um acidente premeditado
e os resquícios do que um dia nós fomos
trataremos também de apagar
pra sempre

(eu sinto tanta falta de todo mundo.)



PLANOS PRO FUTURO

um dia eu vou estar tão ocupado
 que eu não vou lembrar o quanto sinto falta dos meus
 amigos

um dia eu vou estar tão preocupado
 que eu não vou lembrar nem que meus amigos existem
 (ou existiram)
 (já que eu nunca mais escutei falar deles)

um dia vai ser mais importante pagar contas
 do que apagar as mensagens que eu ia mandar pra
 você

(e desisti)
 (assim como eu queria ter desistido de você)
 (como você nunca insistiu em mim)
 um dia vou trabalhar mais para ser promovido

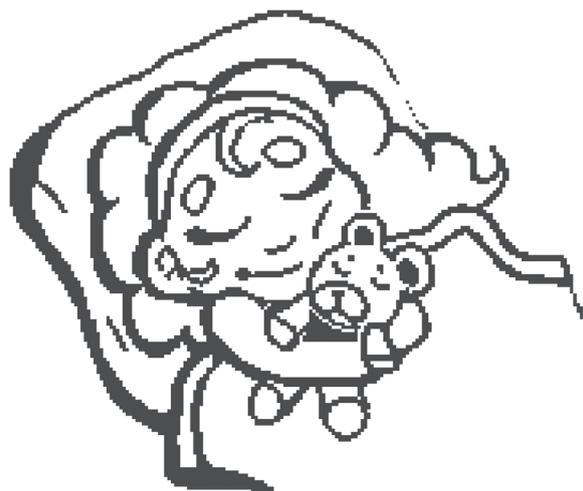
e menos naquele sonho que eu tinha quando pequeno
(sonho é pra quem consegue dormir)
(dormir está sendo um luxo esses dias)

um dia encherei minha casa de linda mobília
e a esvaziarei de souvenirs de viagens pelo mundo
(que eu queria ter feito)
(mas deixei pra outro dia)

cabeça vazia é oficina do diabo.
um dia vou trabalhar tanto
que não vou ter mais tempo de sofrer.
(nem por você nem por mim nem por ninguém mais)

“esse menino sente demais
pro próprio bem
isso é falta do que fazer”
obviamente.

cabeça vazia é oficina do diabo
coração (e copo) vazios são templos de deus.
amanhã a gente volta ao trabalho
que essa terapia não vai se pagar sozinha.



EU E EU MESMO

domingo eu disse que amanhã acordo cedo
 e faço tudo o que preciso fazer
 segunda eu passei o dia dormindo.

não foi guerra nem fome nem pobreza
 nem desamor nem doença

“mantenha seus amigos perto, e seus inimigos mais
 ainda”

mas e se seu maior inimigo é você mesmo
 e você é constantemente derrotado pelo exército de si?
 não há ditado pra isso eu suponho
 eu fico na cama

onde eu posso fazer o menor mal pra mim
e pros outros

(eu machuquei alguém importante hoje) e a dor está
me matando

mas a maior dor é a que vem de dentro
hemorragia interna dos confins da alma

(eu nunca soube o que fazer, mas gostava de fingir
que sabia)

hoje eu realmente não sei mais
eu queria que a culpa passasse.
ontem eu disse pra me levantar da cama

hoje eu não movi um dedo.
ninguém está me prendendo. eu vejo nenhuma
amarra.
nenhuma corrente. nenhuma caverna.
e no entanto estou preso.

“ninguém me cegou!” disse o ciclope
e ninguém veio à sua ajuda.

se você estiver vindo à minha ajuda, arrume suas
coisas e vá embora.
volte quando eu conseguir me salvar de mim mesmo.

PARE DE TOMAR A PÍLULA

Eu me cansei de tomar remédio
Diga à todo mundo que era só
Pra matar o tédio
Eu me cansei de tomar remédio
E agora eu vou tomar todos de uma vez!
Nicotina cafeína alcoólinea
Terebentina macoína mesclaína macunaíma
Eu vou tomar a farmácia inteira
Quero ver eu não me curar do tédio
Que é estar vivo

**MINHA MENTE SAIU PRA
LUGARES LONGÍQUOS**

mundos distantes universos paralelos
decolou pra bem longe daqui
e não disse quando voltava.

“Tout va bien avec le son
J’ai surpassé mes peurs”

eu encontro você à deriva
e te trago pra dentro do barquinho
“ela deve ter ficado cansada
de todas as vezes que não lhe dei ouvidos”
confesso.

“deve ter juntado a trouxinha
que trouxinha,
e ido embora
pra nunca mais.”

admiramos as estrelas que fazem fronteira
com o mar.

como se minha mente fosse voltar
à qualquer momento agora.

“Je sais, j’ai pas envie d’être naïve
Quand j’ouvre les yeux”

e nada.

enfim.

como todo bom amor
quando ela quiser ela volta.
a porta sempre estará aberta.

(eu que não vou esperar acordado)

“C’est pas
C’est pas un rêve.”

***MINHA CONSCIÊNCIA SAIU PRA
DAR UMA VOLTA E NUNCA MAIS VOLTOU***

Imagina só o que ela vai achar das coisas
Quando voltar

CRIANÇAS DA CLAREIRA

primeiro raio da manhã
vai-te dentro da clareira
e acorda! acorda! acorda!
as crianças levadas da floresta
remelentas a boca enorme do bocejo
o coraçãozinho bate cada vez mais forte
levanta! levanta! levanta!
hoje é dia de colheita!

sol ao meio dia
forte nos longos cabelos trançados das crianças
vão aos pulos em filinha
canta e dança, bibibibabababa
no matagal desce a árvore para a lenha
no rio sobe o peixe para a janta

no campo vão leguelhumes hortaliças e ovo frito
faca bem afiada, o bode preto engole seco.
trabalha! trabalha trabalha!
hoje é dia de colheita!
sol do pôr do sol!
a flauta o violino o alaúde
em habilidosas mãozinhas de criança
o bosque ecoa música
cheiro doce no ar!
rostinhos gordos corados
dança e canta e rodopia em fileiras
bate palma! abre o sorriso! conta até três!
o bode preto treme outra vez.
hoje é dia de colheita!

chega a lua cheia
 vai-te dentro da clareira
 bebe! bebe! bebe!
 a citra gostosa o vinho derrama nos pés descalços
 as crianças levadas da floresta
 fazem uma rodinha e giram. é uma ciranda!
 bibibibabababa! é um feitiço! é um feitiço! é uma maldita
 maldição!
 o coraçãozinho batendo o mais forte
 levanta! levanta! levanta!
 hoje é dia de colheita!
 bode preto no centro da rodinha
 vai-te dentro da ciranda preso por cordas trançadas
 treme treme treme até que para!
 facada certa na garganta!

o sangue gostosoquentinho derrama nos pés
descalços
as crianças levadas da floresta
enfiam-lhe inteiro num espeto! (habilidosas mãozinhas
de criança).
a fogueira crepita o bosque ecoa música
cheiro salgado no ar!
queima! queima! queima!
hoje é noite de festa!

vão entrando pessoas grandes feias
eca! eca! eca! pessoas grandes feias
cheias de pelos cheiro ruim de pecado
pessoas grandes feias no centro da rodinha
vão-te dentro da ciranda presos por cordas trançadas
acorda! acorda! acorda!

facada certa na garganta!
o corpo inteiro num espeto!
as lágrimas o sangue os pecados maus e ruins
derramam nos pés descalços! viva!
hoje é noite de jantar!

habilidosas mãozinhas de criança
mexendo a panela cheia de braços e pernas e
alho-poró
e legumes e peixes e banha feia eca
vai a citra e o sangue quentinho!
vai o vinho e a carne fumaçando!
a fogueira crepita o bosque ecoa música

os gritos ecoam crépidos pela floresta
mas a música toca alta as risadas e a dança
ninguém nunca vai saber.

é madrugada. as barriguinhas redondas como a lua.
(burp!) pequeno arrote
e aquele soninho de comi-pra-me-acabar
acabou. as crianças levadas vão em filinha
o coraçãozinho cada vez mais fraco
deitam-se na relva vermelha da floresta.
o olho fica fraco, a lua se esconde no céu
primeiro raio de sol.
shh, não se houve mais nada.
ninguém nunca vai saber.

PARQUINHO

me abraça e me beija e me amarra e me cala a boca
 me atiça me carniça me roliça –
 (os remédios estão surtindo efeito) que coisa louca
 me faz em pi ca di nho diz que eu sou uma delícia
 uma gostosa um pitel um bocadinho
 de molho pra engrossar
 meu corpinho magrela

me devora joga os ossos fora
 os cães fazem a festa!
 desinfeta
 o sangue que vai pelo ralo
 queima os colchões
 e minhas roupinhas.

me carrega no estômago por aí.
vamos ao supermercado à farmácia à padaria
ao parquinho onde eu agora estaria
se não aos poucos saísse de ti toda ida ao banheiro.
outra criança em cativeiro.
e abraça e beija e amarra e cospe na pia
os últimos pedacinhos de mim.

eu acabei exatamente assim!
mas prepara outra receita porque
é preciso variar nessa vida.

o parquinho vai ficando cada vez mais vazio
 e você cada vez mais gordinho
 três porquinhos
 e o lobo mal

lua cheia.

outra criança se transforma
 vira de corpo um adulto
 e de alma um velho
 cujos minutos estão contados.
 e vamos todos embora pelo ralo
 cobertos pelo mesmo molho
 pra engrossar
 seu grosso, rolha de poço, cata piolho.

tomara que acabe no fundo do esgoto
 como eu e as crianças do parquinho

é noite quando eu livro a mocinha da sua prisão.
e levo pra casa e dou água e dou lanche
e falo no seu ouvido que ela está livre de todo o mal
desse mundo.

eu falo com espíritos,
nos amamos até o amanhecer.
mamãe e papai minha irmã e o bolinha sorriem
sabem que eu fiz a coisa certa
mesmo quando resolvem me trancar
e me deixar sozinho
mal sabem todos que eu falo com espíritos,
e que todo mundo está igualmente preso
na prisão da alma.

LAIÁ LAIÁ

Me diz do que são feitas as estrelas
 (De índias apaixonadas pelo luar)

À noite, a Lua desce brilhante do céu
 Caminha entre as flores, mergulha no rio
 Dança entre os homens, enrolada de véu
 Rodopia e desbota, apareceu e sumiu

Mas, meu amor, não vá se apaixonar pela Lua
 A Lua é parceira infiel
 Assim que pra ti ela se insinua
 Está selado teu destino cruel.

O céu hoje está tão brilhante...

Mas, meu amor, eu não me apaixonei pela Lua
E se penso em seu sorriso é breve devaneio,
Se me imagino em seus braços é simples aperreio,
Se sonho com seu beijo eu logo me freio,
A Lua, meu amor, eu odeio.
À noite, a Lua desce faceira do céu
E escolhe uma índia para dançar
Até o despontar da manhã.
Na alvorada, intoxicada e apaixonada
A moça acorda no seu novo lar.

“Os amantes da Lua se tornarão estrelas no céu...”

Mas, meu amor, eu me apaixonei pela Lua.
E agora espero noites e noites pelo seu porvir.
Sofro por não estar junto à ti.
Me dói não poder dançar contigo,
Você é o meu melhor sorrir.

À noite eu te procuro por aí.
E se por acaso te encontro sob o luar
Arrumo qualquer desculpa pra vir te admirar.
Um dia tu vais me escolher pra dançar.

(Eu espero tanto por esse dia...)
Vem me procurar também. Vem dançar comigo.
Dança à sós é um castigo.
Me torna estrela no seu céu.
Que eu te prometo as noites mais cintilantes.
À noite a Lua desceu maravilhosa do céu
E caminhou entre as as flores, e mergulhou no rio...
“assim que pra ti ela se insinua”
Mas eu não posso evitar. Meu amor é a lua.
Me joga nas águas, e sorrio.

(Nunca disseram pra você
Que as estrelas são feitas de índias apaixonadas
pelo luar?)

Essas vivem no céu, é sabedoria popular.
Mas as que foram seduzidas, rejeitadas, afogadas
Dessas ninguém ouve falar.
“está selado teu destino cruel”
Nas profundezas do rio, bem longe do céu.

À noite a Lua se comove.
E me transforma na estrela mais brilhante
Mais faceira, mais maravilhosa que há.
Sou agora Estrela das Águas,
Vitória-régia.
E todas as noites danço com o luar.
Laiá, Laiá.

ANOTA SEU NOME AQUI

colocou papel e caneta na minha frente.
“só assina se concordar com os termos.
aqui você confirma que está ciente de tudo;

que sabe
que vai ser só pelo tempo que eu quiser
(que inclusive acaba quando você menos espera)
que eu não te devo nada desde agora
que só quem se apega aqui é você
mesmo que você diga pra todo mundo
que não se apegou.
mesmo que você diga pra todo mundo
que não está sofrendo.

aqui você confirma
que não vai querer mais ninguém
enquanto eu estiver atrás de mais alguém.
você concorda que eu basto
quando na verdade quem devia se bastar
era você.

escreve teu nome na linha indicada.
eu prometo um oasis de amor
no saara da tua solidão.

eu vou te iludir o quanto eu puder.”
mas os carinhos são tão reais,
e a necessidade também,
que por um momento...

por um momento
eu pego a caneta e escrevo meu nome.
contrato selado.
a gente sabe desde o começo
que vai dar tudo errado.
seja o que deus quiser.
no final a gente vê.

e está firmado em cartório mais um futuro caso
de coração partido

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

o dedo vai fundo na pálpebra
o pior cego é aquele que não quer ver.
tudo embaçado entra colírio entra lente
entre óculos de grau pra miopia hipermetropia
astigmatismo da lente da câmera
a filmagem é um borrão.
fecha os olhos pra não ver e as imagens não
ressoarem na cabeça.
vistos que voltam a serem vistos quando vem e voltam
no cinema da cabeça.
sessão especial. maratona da mesma memória
múltiplas vezes
multiplex de sofrimento desnecessário.
marejado calejado hidratação ocular
e eu já não vejo mais nada.
por favor, mente pra mim.
porque o que os olhos

embaçados de lágrimas, desfocados de choro
não veem,
é difícil sentir qualquer coisa.
chora até cansar da vermelhidão do rosto
ou do fungar do nariz
ou chora até dormir.
(o que vier primeiro)

o que vem depois
é que com o passar do tempo a torneira se fecha
a torneira se cansa.
e embora dê vontade
nenhuma gota é mais desperdiçada.

(pinga pinga pinga pinga pinga)

ESSA NÃO É PRA TODO MUNDO

os pés calejados a boca seca a garganta inflamada
flama o pulmão queimam as artérias perpassa
fogo nas veias
a carne é fraca e se estilhaça no primeiro triz.

não é pra todo mundo,
isso de viver.

um dia a gente beija a gente rodopia e sorri de ponta
a ponta
no outro dia é mar é açoite forte de água salgada
navega-se proa hora para a correnteza hora pra
terra firme
relógio passa independente o tempo

não é pra todo mundo,
isso de amar.

(e amar me faz uma falta danada).

segura forte o leme
não deixe que o vento te leve
tal qual levou o amor pra longe de mim,
pois os mares puxam forte
e desaguam-se sabe-se lá aonde
sabe-se lá aonde.

eu não vou desistir, eu não vou desistir, eu não
vou desistir.

segura forte o leme,
vira a popa,
usa o vento ao teu favor,
e te manda pra onde quiser.

(certa vez uma bruxa má jurou pra mim que nenhum
relacionamento meu daria certo. desde então tenho
tentado prová-la o contrário)

DOCE ILUSÃO

meu plano de negócios
é construir uma confeitaria
e vender todos os bolos
que já levei de crush
vender todos os sonhos
que já não posso mais
porque cresci.
cresci o fermento
mas a vontade ficou
que nem as minhas finanças
tão pe que ni ni nha

dia ruim pros negócios.
estou à venda, me faço barato.
só me levem
daqui
não prometo adoçar a vida
nem alimentar
mas de vez em quando escrevo
e dizem que ler é comida pro cérebro
ou algo assim

se tudo falhar
eu faço brigadeiro
(brigadeiro sempre melhora meu dia)

BUQUÊ DE FLORES

pelo fumê do carro
 minha filha brincando no jardim
 buquê de flores no banco de trás

janela da alma. judicialmente tenho todo o direito
 de vê-la

(hoje)

mas as mãos continuam presas ao volante
 e as portas trancadas.

(portas da alma)

minha filha brincando no jardim
 e eu poderia destravar o carro
 pegar as flores
 ir até lá
 e levantar minha garotinha o mais alto que eu puder.

“uma flor para outra flor”
 papai, você é sempre tão besta.
 judicialmente tenho todo o direito de vê-la
 (hoje)

mas as mãos presas ao volante
punhos travados tremendo
cobertos de faixas vermelhas e brancas
roxo debaixo da barba

e um olho mais fechado do que aberto
uma perna mais arrastada do que a outra.

o que eu diria.

“filha, o seu pai é um boneco quebrado,
e as partes não mais se encaixam direito,
o mais cedo o levam pro conserto,
mais cedo ele estará bem”

nunca mais eu faço isso,
eu disse,
e agora as mãos presas no volante,
punhos travados tremendo.

eu dou a partida. um dia minha filha há de entender
que um boneco feito para destruir outros bonecos
é um boneco sem conserto.

(desculpa, filha)

ADMISSÃO

admito que não sou capaz de maldades de crueldades
de machucar nada ou ninguém
(mas adoro fingir que sou)

admito que não sou inteligente ou criativo ou genial
ou nada do tipo
(mas adoro fingir que sou)

admito que sinto falta de todos os meus amigos
e de conversar com vocês e de estar
por perto e fazer besteira
(mas adoro fingir que estou muito bem só)

admito que gosto quando lembram de mim e falam de
mim pelos cantos e quando notam minha ausência
(mas adoro fingir que não ligo)

admito que ainda queria viver muita coisa e
conhecer muita coisa e ver muita gente
e sentir vários sentimentos

CRIANÇAS DE PRIPYAT

em mim moram duas crianças de pripyat
e nos meus sonhos caminhamos pela floresta
fazemos piquenique pelas montanhas
comemos favos-de-mel
em mim moram duas crianças de pripyat
que chutam que batem que sangram querendo sair
esperneando a vontade de crescer
e brincar e trabalhar e amar e todas essas coisas
(que a vida reserva)
e serem morada de novas crianças de pripyat

toctotoc mãe nos deixe brincar lá fora
e eu digo não não não
pois lá fora é novembro está frio

e nenhum agasalho vai protegê-las da radiação
que cai fina
como uma névoa
toctococ mãe nos dê favos-de-mel pois estamos
famintas
e eu digo me desculpem.
porque acabaram as torradas os biscoitos
e logo acabará a água limpa.

mamãe você é linda
mesmo que seus cabelos estejam todos pelo chão
e sua pele tão pálida
e eu digo eu amo vocês.
eu amo vocês eu amo vocês eu amo vocês
crianças de pripyat.
se houver um depois
(que a vida reserva)

caminhamos pela floresta e comemos favos-de-mel
 nas montanhas
 (caso existam florestas e montanhas no céu)

em mim moram duas crianças de pripyat.
 eu sei que dói toda vez
 que eu sei que elas estão lá
 e chutam e choram de fome e pesam em mim
 mas ao menos eu sei que elas ainda estão lá.
 quando elas se calam eu me desespero
 achando que elas foram antes do que eu.
 eu sei que dessa vida vamos todos
 e que de pripyat não há como escapar
 mas por favor por favor por favor
 não permita que em mim morram duas crianças
 de pripyat.

INVERNO

Novembro enevoado
Coberto de pétalas
Enegrecidas
Num branco ensurdecedor

Verdades sobre mim são escritas
Em carvão negro
Sobre papel tão limpo

Eu vejo em preto e branco.
Tudo é tão claro para mim
Ou tão escuro.

Dezembro abaixo de zero
Coberto de gelo
“As águas nunca são as mesmas,
Pois o fluxo é sempre perpétuo”
Disse quem nunca viu o inverno.
Eu sou uma rachadura
No que antes era um grande rio.

Eu piso, eu piso, eu piso
Eu quebro o rio inteiro.
Mergulho.
Penso, ensopado
“Trouxe a primavera de volta!”
E pego um resfriado.

Mas o outro dia não me traz muita surpresa
Ao caminhar pelo mesmo rio
Abaixo de zero, coberto de gelo.
Eu vejo em preto e branco
A mesma rachadura
As mesmas águas
O mesmo rio.
Tudo é tão claro para mim
Ou tão escuro.

Que lindo seria
Ver a primavera de volta
Mas que diferença isso faz
Pra quem só vê em preto e branco

Janeiro derretendo
Coberto de mim
Eu piso, piso, piso
Eu quero o rio inteiro.
Eu vejo a primavera mais linda
Em águas que nunca são as mesmas
Num fluxo perpétuo.

Mergulho.
Eu sou um grande rio
No que antes era só uma rachadura.

TANATOLOGIA

e no primeiro dia disseram-me que as luzes seriam
apagadas e a noite que se seguiria não teria fim.
neguei. tudo ficará bem, disse à eles.
o sol se puserá à oeste e nascerá à leste,
os céus anunciarão primavera, verão, outono
e inverno,
tudo haverá de existir como sempre existirá.
e nosso amor será, como todas as coisas,
puramente eterno...

e no segundo dia quis gritar. quis que a doença
da minha fúria contaminasse o meu redor.
bradei com a raiva do topo da minha inveja,
quis que fosse mentira, quis que fosse com outro.
qualquer um menos eu.
que o calor do sol extinguisse os homens, derretendo
qualquer esperança,
que as florestas todas queimassem, e que a fumaça
consumisse os céus.

não aceitei derrota - lutarei com todas as minhas
forças em nome do nosso amor.

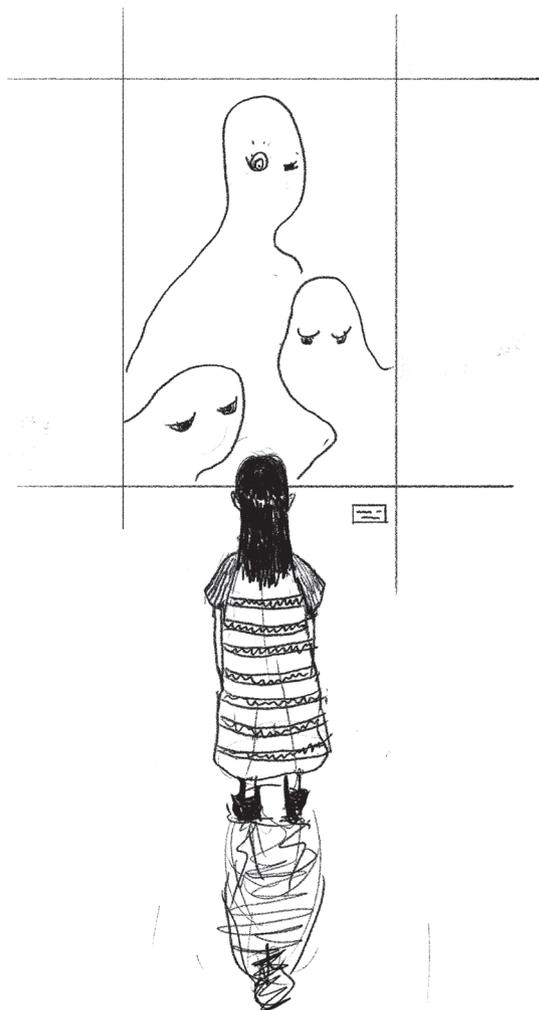
e no terceiro dia joguei dados. quis negociar meu
adiantamento.

barganhei meus motivos e minhas riquezas, minhas
terras e meus desejos,
tudo em nome de um pouco mais de dias no
final do dia.

quis que sol nascesse só amanhã. e amanhã depois
de amanhã,
que eu pudesse ver só mais uma primavera, só mais
um verão, só mais um outono, só mais um inverno.
deixe-me amar pela última vez, só mais uma vez...

e no quarto dia perdi tudo o que tinha. não haverá
amanhã.

nada me restou além da depressão. nada ficará bem,
disse à eles. é o fim.



E se eu te dissesse que antes você sabia
E agora não sabe mais

Não se engane nem deixe que te enganem
Todo mundo um dia já foi criança e sabia das coisas
Agora que crescemos sabemos de nada.
E achamos que vivemos muito bem com isso,
Certos de incertezas,
Você sabe muito bem que não.

Visite de vez em quando seu museu da inocência
E saberá que as respostas sempre estavam aí
Não importa o quão longe você se distanciou delas
Sempre há tempo de voltar atrás.

Visite hoje seu museu da inocência
No fundo no fundo você se lembra que um dia as
coisas eram mais fáceis

E mais simples

E mais bonitas

Do que eram hoje

Se você consegue se lembrar

Você também consegue voltar.

Volte.

O REI DEMÔNIO NO MEIO DE UMA EMBOSCADA

Desci do cavalo, lhe dei água e comida,
E o que me restou ofereci ao viajante já instalado
na fogueira,
Em agradecimento à sua estalagem, que não
era muito,
Mas nem eu havia muito à oferecer naquele dia.
E logo seria noite, e com ela o frio,
E juntos sobreviveríamos caso houvesse perigo.
Duas adagas são sempre melhores do que uma,
e se a dele não se voltasse à mim, a minha não
se voltaria à dele,
E dessa maneira pregaríamos tranquilos o olho.

“É noite escura, uivos pelo céu”, eu lhe digo,
Ao que ele responde, “temei não os animais irracionais,
que movem-se somente pelo instinto,
mas foge dos homens, que ainda possuindo intelecto,
escolhem racionalmente agir como animais”
Conheces então o mal que ronda essa terra,
eu lhe pergunto,
e ele me responde que sim
já que sou seu anfitrião nesta noite,
e que partilhamos comida e água,
Iluminará a noite com uma história antiga:
Disse que nessa noite há muito tempo
Um rei pequeno havia sido abandonado para morrer
Caído nesta mesma terra
Sob essa mesma noite

E enfurecido pela cólera
E temente da morte
O rei pequeno apertou a mão do diabo
Quando este lhe fez uma proposta
Terás neste tempo o meu poder
Mas uma vez embebido por ele
Perderá tudo o que tens.
E o rei pequeno fez as contas
E decidiu que melhor a vingança do que a morte.
Morria nesse dia o rei pequeno
E acordava nessa noite o rei demônio.
O rei demônio no meio de uma emboscada
Emboscou seus emboscantes e destruiu um por um
Sedento pelo poder e achando tudo muito divertido
O rei demônio cavalgou com seu exército

Conquistando e demolindo
Impérios que nunca sonharia enxergar
Com sua pequena cabecinha
Primeiro um, depois dois,
Depois uma companhia de cem homens, depois um
exército de cem mil,
E por fim impérios além-mar
Destruído por maremotos de fim de mundo.
O rei demônio abocanharia o mundo inteiro,
Mas o diabo é arteiro
E foi quando destronava mais um imperador
De mais um reino distante
Que viu que ao seu redor caminhavam não homens,
mas monstros;
Que suas conquistas eram na realidade massacres,
e aqueles que não o temiam o odiavam;
E que suas mãos se tornaram garras, e seus
dentes caninos,

O rei pequeno olhou-se no espelho e não viu um rei.
 Viu o mal.

E o mal que trouxe ao mundo deu-lhe ânsia.

Ainda tentou cavalgar, mas caiu,

Ainda tentou atacar, mas foi apunhalado,

Ainda tentou comandar, mais foi traído.

O rei demônio percebeu que voltara a ser o que
 era antes:

Um homem.

E ferido escondeu-se nas montanhas

De onde viu seu império reduzir-se à ruína

Queimando dolorosamente seu estandarte

sob a luz da lua.

O rei pequeno hoje caminha sobre as cinzas

de suas terras

E se pergunta quem encontrará primeiro
A redenção
Ou o diabo.
Escutei pacientemente o fim da história,
Nós dois sabíamos que aquele era o momento.
Me fitou, e me perguntou enfim,
O rei demônio,
Antes rei pequeno,
E agora rei perdido,
“Quem dos dois é você?”
A resposta, eu bem lhe disse,
“É quem você desejou,
No fundo, no fundo,
Que lhe fizesse uma visita
Na noite de hoje”.

FUN & GAMES

a vida eu penso é jogar damas com a vida
de vez em quando eu perco
(e eu perco feio)
daí eu empurro a cadeira e falo pra vida
ei man cansei de jogar
chega, não aguento mais tá chato
a vida arruma as pecinhas e calmamente me diz
você só diz isso porque é mal perdedor
quando ganhar você vai gostar de jogar
por alguma razão a vida sempre me convence a jogar
mais uma vez
com ela
perco muito mais do que ganho
mas embora as vezes dê vontade
ainda não desisti de jogar.



MELANCHOLY RADIO STATION

attention all personal!
this is melancholy radio station!
operating at the most fragile frequency...
attention all listeners!
this is a lonely transmission!
don't attempt to leave it unanswered...
please tune it deep in,
so you all listen good,
so you all listen well.
for this is in no way
a call for help
in the abyss of solitude.
for this is in no instance
a glimpse of tears
in a face that is always smiling.
for this can not be misunderstood
with a temporary weakness exposure
of an apparent strong character.
no. far from that.

this transmission is nothing but
what you are hopelessly trying to tell us all
but in way or another
keeps vanishing in the wind.
a whisper that nobody cared about.
a love letter with no destination.
a silence that means so much.
what you just keep for yourself.
far from me.
this is your frequency.
so here,
pick up the phone.
and tell us all about your lonely transmission.
we promise we'll listen,
we promise we'll love.
and we will tune it deep in,
so we can all listen good,
so we can all listen well.
but please, please
don't attempt to leave it unsaid...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai, minha mãe, minha irmã e meu primo.

Vocês são muito importantes nessa minha vida.

Esse livro não existiria se não fosse pela Lara, Vitória e a Yasmin.

Dedico esse livro pra todo mundo que me lê pelo Medium. Palmas pra vocês!

medium.com/@levisporto

